

CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO 30.º ANIVERSÁRIO DA TRANSINSULAR

Ponta Delgada, 28 de abril de 2015

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

As minhas primeiras palavras são, naturalmente, para agradecer o amável convite que a Transinsular me dirigiu para estar presente e para me associar a esta cerimónia. Também para dar os parabéns à empresa e dizer a todos aqueles que a representam e que com ela têm uma relação comercial e de colaboração que é com todo o gosto que o Governo dos Açores se associa a este momento, sinalizando o apreço e o reconhecimento pelo contributo que, ao longo destes 30 anos, a Transinsular, neste domínio específico do transporte marítimo, tem prestado ao desenvolvimento e ao progresso de cada uma das nossas ilhas e da nossa Região, em geral.

Aquilo que aqui celebramos não é apenas a história e o percurso de uma empresa. É também, de certa forma, o percurso que tem sido feito pela nossa Região e a importância que o transporte marítimo tem para uma Região arquipelágica, para uma Região insular como a nossa.

Em diversas circunstâncias, e já há algum tempo, tenho tido a oportunidade de salientar o papel verdadeiramente essencial que os transportes em geral mas, em especial, o transporte aéreo e o transporte marítimo assumem para o desenvolvimento da nossa Região, assim como o processo de transformar estes dois elementos – transporte aéreo e transporte marítimo – não num fator de constrangimento do nosso desenvolvimento, mas, efetivamente, num fator impulsionador do nosso progresso e do nosso desenvolvimento, o que está já em curso.

O facto é que, sobretudo no domínio do transporte aéreo, há já um trabalho que está feito. Foi possível, ao longo de cerca de três anos, construir um novo modelo de acessibilidades aéreas à nossa Região que está já em vigor, que permitiu salvaguardar aquilo que, para o Governo dos Açores, foram aspetos essenciais desde a primeira hora, nomeadamente a proteção da posição de residentes e de estudantes.

É um trabalho que, também, deve continuar, monitorizando o impacto e os efeitos que este novo modelo tem, aperfeiçoando os aspetos que ele pode eventualmente ter e que são passíveis de aperfeiçoamento e corrigir - não podemos ter receio da palavra – aquilo que for necessário para que ele possa cumprir o seu desígnio.

No fundo, o desígnio de beneficiar todas as ilhas, servindo todos os Açorianos, quer aqueles que pretendem deslocar-se, quer aqueles que aqui nos Açores têm a sua atividade relacionada com aqueles que nos visitam e com o contributo que os turistas podem trazer para a nossa economia e para o nosso desenvolvimento.

Mas é necessário que, sem receios, possamos estender este ímpeto reformista também aos transportes marítimos e nós acreditamos que isso é possível. Acreditamos não só que isso é possível, mas também que isso é desejável e que, desse ponto de vista, esse processo constitua não apenas um exercício de valorização do Mar como via de comunicação.

É por aí que, também, passa este desígnio estratégico de valorizar o Mar e, por essa via, de transformá-lo não num fator limitativo da nossa condição arquipelágica, da nossa condição insular, mas como um fator potenciador do nosso desenvolvimento, do nosso progresso e como um fator que pode ajudar a afirmar os Açores, a afirmar cada uma das nossas ilhas como parte integrante deste processo e deste desígnio.

Mas não apenas nesta vertente da valorização estratégica desta nossa condição. Também como uma estratégia para aproveitar todo o potencial que o Mar encerra e que nós acreditamos que ainda não está totalmente aproveitado e explorado para, através dele, como via de comunicação, melhorar a articulação e a integração das nove componentes da economia regional para ganhar dimensão numa economia como a nossa. Para, no fundo, aproximar, integrar e engrandecer aquelas que são as nove parcelas que constituem a economia açoriana e que há toda a vantagem em que, de forma estratégica, coerente e articulada, isso possa ser feito ou possa ser levado mais longe.

Nesta matéria, é importante termos a noção daquela que é a componente de objetivos estratégicos, daquela que é a componente instrumental. Efetivamente, alguns dos aspetos que têm suscitado maior vivacidade de apreciações – deixem-me colocar a questão desta forma – são aspetos instrumentais, não são aspetos de objetivo.

Se falamos na possibilidade de, à semelhança daquilo que já está a funcionar nas chamadas Ilhas do Triângulo, estender um determinado modelo ou propomos desencadear esse debate à volta da utilidade desse modelo, esses objetivos são os de integração, são os de engrandecimento da nossa economia e não devem, propriamente, ser confundidos com a componente instrumental.

Mas, desse ponto de vista, há também um outro aspeto que me parece importante, a propósito deste momento, salientar: a convicção do Governo de que isso deve ser feito num processo de envolvimento e de parceria, recolhendo também contributos.

Envolver neste processo no sentido de dar nota clara dos objetivos que se pretendem alcançar com o caminho que nós propomos, não prescindindo as entidades públicas do seu papel impulsionador, do seu papel promotor da mudança, quando isso for necessário, do aperfeiçoamento, da melhoria, mas também não ignorando o contributo e a história daqueles que, ao longo dos anos, fizeram desta área a sua atividade e muito contribuíram para o desenvolvimento e para o progresso da nossa Região.

Mas também é essencial nesta componente do Mar - da importância que o Mar como via de comunicação pode ter para uma Região como os Açores - que não seja ignorado o contributo que entidades externas à Região, externas ao país, podem dar para que isso seja alcançado de forma mais fácil, de forma mais rápida. É esse também o sentido da

participação do Governo na revisão intercalar da Estratégia da União Europeia sobre os Transportes Marítimos.

O objetivo é de levar a União Europeia a ser consequente com a importância que diz atribuir às ultraperiferias e às Regiões Ultraperiféricas. Não é possível, no momento em que se discute esta questão da estratégia europeia relativa aos transportes marítimos, ignorar o papel que esses transportes marítimos têm para uma parte do território da União, mas simultaneamente também não aproveitar todo o potencial que essa parte do território da União – refiro-me em concreto às Regiões Ultraperiféricas – pode ter para o cabal aproveitamento, em toda a sua extensão, dessa estratégia europeia.

Não é possível definir determinado tipo de apoios, determinado tipo de incentivos para os portos que, noutras partes do território da União estão inseridos nas chamadas redes transeuropeias de transportes e, simultaneamente, deixar de fora ou deixar de parte aqueles que são os portos das Regiões Ultraperiféricas.

Esse é um aspeto em que, de forma particularmente nítida e particularmente clara, a União Europeia tem que ser consequente com o que diz defender e o que diz defender, neste caso, é a importância das Regiões Ultraperiféricas e a sua integração, do ponto de vista de objetivos de desenvolvimento e de progresso, na estratégia mais global de que a própria União Europeia pretende seguir.

Mas também valorizar as Regiões Ultraperiféricas naquelas que são as novas tendências, digamos assim, do ponto de vista de utilização de outro tipo de combustíveis. O projeto ‘Costa’, no qual os Açores estão envolvidos, é um bom exemplo dessa integração e é um bom exemplo desse potencial.

Serve tudo isto para dizer que, ao fim de 30 anos, maiores são os desafios que estão à nossa frente do que aquilo que a mera contemplação do percurso e da história nos pode animar ou nos pode enaltecer.

Acredito que a melhor forma de homenagear todos aqueles que, ao longo destes 30 anos, contribuíram para fazer a história da Transinsular mas, no fundo, ao longo de mais do que 30 anos contribuíram para que o transporte marítimo tivesse a importância que tem para uma Região como a nossa, é exatamente olharmos para o futuro na multiplicidade de desafios, de novos horizontes, de novas perspetivas, de novas áreas que estão aí à espera de serem exploradas e aproveitadas, mas que estão aí, sobretudo, à espera de serem exploradas e aproveitadas num trabalho que não pode nem deve ignorar esse contributo que a história também dá para que esses desafios possam ser ultrapassados com sucesso.

E, se forem ultrapassados com sucesso, mais do que o ganho e o sucesso individual de cada um, estará, no caso que nos diz respeito, o ganho e o sucesso para os Açorianos e para a Região Autónoma dos Açores.

Os meus sinceros parabéns à Transinsular. Os meus parabéns a todos aqueles que fazem no dia-a-dia a Transinsular, independentemente das posições que ocupam na empresa, e

os votos de que, pelo menos daqui a 30 anos, estejamos todos cá para celebrar os 60 e celebrá-los vencendo os novos desafios.

Muito obrigado.